

Demografias III

Demografias III - As grandes potências e outras curiosidades

Referências:

Expectativas de vida: <https://ourworldindata.org/life-expectancy>

Populações: <https://ourworldindata.org/grapher/population>

A intenção deste post é a de mostrar a situação das demografias das quatro grandes potências nucleares do mundo, Estados Unidos, Índia, China e Rússia. Veremos que esta só é uma grande potência por estar armada até aos dentes com um arsenal nuclear. Do ponto de vista demográfico é um país relativamente pequeno e falido. Em poucos anos não estará sequer entre os dez países mais populosos do mundo. Aproveito para falar de dois outros países menos armados até os dentes, mas que já o foram no passado: Alemanha e Japão. São casos interessantes, cada qual a sua maneira. Se a leitora me permite, começarei pelos Estados Unidos.

* * *

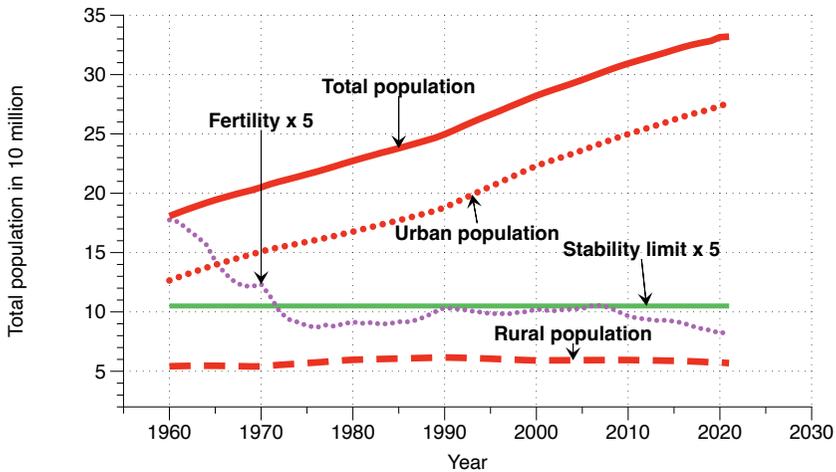


Figura 1 - Estados Unidos. Por razões de conveniência gráfica, *as populações são apresentadas em unidades de 10 milhões de pessoas*. Assim, o número 10, na escala da esquerda, representa, de fato, 100 milhões de habitantes. A fertilidade e o limite de estabilidade foram multiplicados por 5, para que tudo coubesse em uma única figura, mais ou menos legível. O que importa observar, entretanto, é a relação entre a fertilidade, linha pontilhada violeta, e o limite de estabilidade (fertilidade que garante a reposição da população), linha verde cheia.

Uma nota importante sobre o limite de estabilidade. Adotei, neste post, o valor convencional de 2,1 filhos por mulher, durante todo seu ciclo de vida fértil, que garante a reposição da população. Ele só vale no caso de uma situação de tudo calmo no front ocidental. Há que levar em conta as exceções, quando a mortalidade torna-se muito alta por causas exógenas: epidemias, grandes catástrofes e a nossa velha companheira de muitas lutas: a guerra. A leitora poderá ponderar que as guerras deveriam ser incluídas nas causas endógenas, dada a natureza agressiva do ser humano (umano sem “h” denota a maioria dos humanos, infelizmente). Não teria como argumentar contra. Nestes casos, para repor as perdas sem a ajuda da imigração, é necessário temporariamente uma fertilidade maior do que 2,1. Do mesmo modo que, no caso de uma imigração em grande escala, ela deve cair temporariamente para manter, no longo prazo, um mesmo nível populacional. Infelizmente, o tratamento que darei à questão do crescimento populacional será muito superficial. O assunto é

complexo, pois envolve dinâmicas temporais muito distintas, nas quais o crescimento endógeno, controlado pela fertilidade, é apenas um dos aspectos. Tampouco abordarei a questão da distribuição por sexo e etária da população. Isto fica para um futuro post, para que este não fique muito pesado.

A primeira coisa que chama nossa atenção na Figura 1 é a curva vermelha cheia que representa a população total dos Estados Unidos. Em números redondos, ela cresceu de 180 milhões para 330 milhões em meio século. Faça as contas a cara leitora: em média, 245 mil novos americaninhos por mês (!!) durante 51 anos. O crescimento foi todo da população urbana, com a população rural mantendo-se constante e bastante inferior à urbana (hoje, 50 milhões em 330 milhões do total). O crescimento aconteceu apesar de a fertilidade ter se mantido abaixo do limite de estabilidade de 2,1. Notem que, antes de 1970, a fertilidade da mulher americana era bastante alta para um país muito urbanizado. É a cauda do efeito de “baby boomers” que se seguiu à Segunda Guerra Mundial e, também, o efeito bíblico da reprodução ordenada por Deus. Crescei e multiplicai-vos. Até na Grande América os ditames de Deus estão perdendo sua força. A segunda coisa que nos chama atenção é que uma fertilidade baixa não impede o crescimento da população. A recuperação da fertilidade a partir de 1990 mostra que ela é um fenômeno complexo e que uma fertilidade baixa nem sempre está condenada a continuar baixa. O crescimento populacional é controlado por quatro fatores, dois positivos (fertilidade e imigração), e dois negativos (mortalidade e emigração), dois endógenos (fertilidade, mortalidade) e dois exógenos (imigração, emigração). Ora, os Estados Unidos continuam a ser o que sempre foram: um país de forte imigração e de quase nula emigração. Eles continuam lá, os “Estados Unidos”, mas, por dentro, estão mudando étnica e culturalmente de forma substancial. É isto que impulsiona o trumpismo e o extremismo de direita do Partido Republicano - o terror dos cristãos brancos e muito conservadores, que se julgam historicamente os donos do país, de perder o controle político da sua obra. Infelizmente, apesar de solavancos representados por este extremismo, a marcha da demografia é inexorável. Eles podem ganhar algumas batalhas, mas perderão a guerra. Isto é, se a bagunça não desandar em uma nova guerra civil. Os Estados Unidos já mostraram a sobejo de que grau de extrema violência externa e interna eles são capazes.

* * *

A leitora agora, com certeza está muito curiosa acerca da China. Pois bem. Vamos até o Império do Meio dar uma olhada na Figura 2.

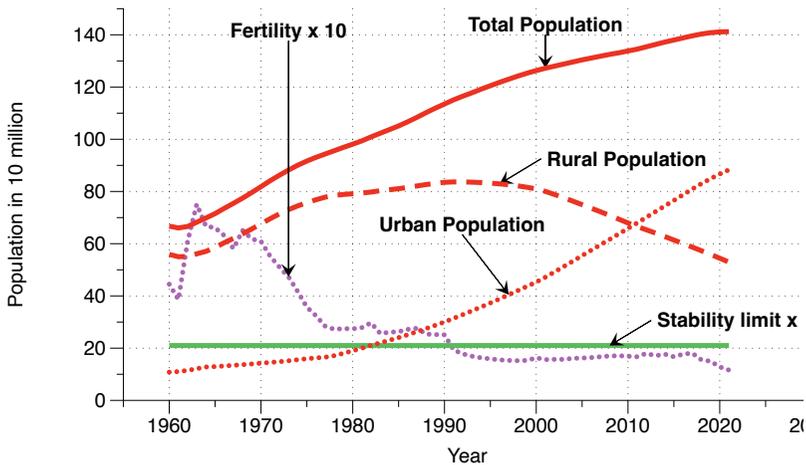


Figura 2 - China. Nesta Figura, como na Figura 1, a unidade de população é de 10 milhões de pessoas. Assim, lendo a curva cheia da população total, ela parte de cerca de 630 milhões em 1970, e desemboca em 1,4 bilhão, cinquenta anos mais tarde. Um crescimento “modesto”, graças à política de filho único. Traduzindo, em média 1,26 milhão de novos chinesinhos e chinesinhas por mês, a cada mês, durante 51 anos. Haja fraldas!! A fertilidade e o limite de estabilidade foram multiplicados por 10 para tornarem-se mais fácil de ver na escala da figura. Desculpe a leitora se isto lhe causar alguma dor de cabeça. Fique feliz por não ser chinesa, se não o for, e ainda mais feliz de sê-lo, se o for.

Nota-se que a China somente se tornou um país com uma maioria de população urbana em 2010. Até 1980, a população rural cresceu mais rapidamente do que a urbana. Ela mais ou menos se estabiliza pelos vinte anos seguintes (podemos imaginar a grande migração interna rural/urbana para prover a mão de obra necessária para o *boom* industrial chinês). Finalmente, a partir de 2000, a população rural começa a cair. A urbana não para de crescer. Como a China não é e nunca foi um país de imigração, a baixa fertilidade deve tirar o sono dos teocratas do Partido, pois, como podemos ver do último trechinho da linha vermelha sólida, a população parou de crescer e se nada for feito, vai cair nas próximas décadas. Ainda governo nenhum

do mundo encontrou uma forma de fazer as senhoras terem filhos quando elas não querem tê-los! Pior do que cair, a população vai envelhecer, pois nem mesmo a extrema sabedoria do Grande Líder Xi sabe como interromper este tradicional processo biológico muito favorecido pela Natureza para renovar-se constantemente. Se a China for tentar uma guerra, tem de ser logo, enquanto ainda tem muita bucha de canhão. Má notícia, cara leitora. Má notícia.

Vamos aproveitar que estamos na China para dar um pulinho na sua tradicional inimiga: a Índia. Um outro caso cheio de peculiaridades.

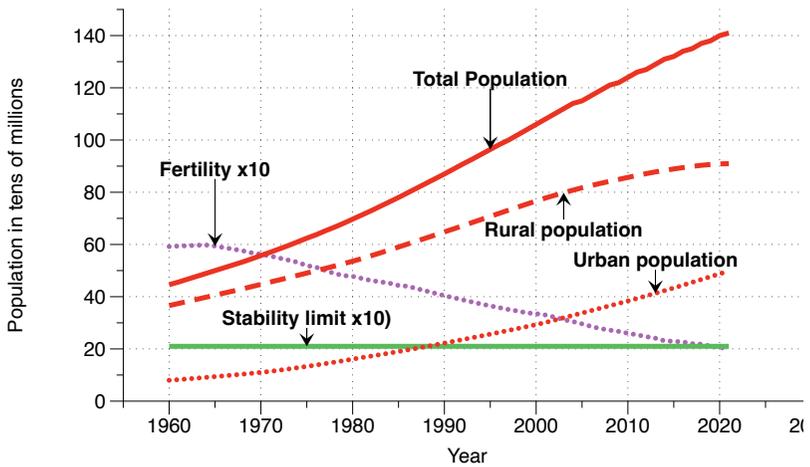


Figura 3 - Índia. População expressa em unidade de 10 milhões de pessoas. Fertilidade e limite de estabilidade multiplicados por 10.

A primeira coisa que chama a atenção na Índia é que o país é predominantemente rural. A população urbana ainda não alcança a metade da rural. Pelo jeito, a transição só acontecerá lá pela segunda metade do século XXI. Seguindo nossa regrinha de que a uma alta população rural corresponde uma alta fertilidade, a fertilidade da mulher indiana apenas alcançou o limite de estabilidade em 2021! Como a China, este país não é um país de imigração e, ao contrário dela, não adotou nenhum programa de controle de natalidade, além de uma tentativa, nas décadas de 60 e 70, de subornar os homens com um radinho de pilhas para que se submetessem a vasectomias. A esposa do Professor Romboedro esteve na Índia por aqueles dias e presenciou o fenômeno. De qualquer modo, seria muito mais difícil implementar um programa de um filho por casal, semelhante ao chinês, na

democracia indiana do que na ditadura chinesa. A população total cresceu de 450 milhões em 1970 para 1,4 bilhão em 2021 - ou seja, alcançou a China. Com a vantagem de que sua população é muito mais jovem do que a chinesa. Seria inteligente para o Grande Líder Xi não se meter a guerrear com a Índia. Raramente, contudo, Grandes Líderes pecam por excesso de inteligência, cuja falta é suprida por um grande excesso de ego. A inflexão do crescimento da população rural, particularmente visível a partir do ano 2000, corresponde, por um lado, à fertilidade decrescente e, por outro, à migração rural/urbana.

Passemos para a última potência nuclear deste post. A Mãe Rússia eterna do Chairman Vladimir Putin.

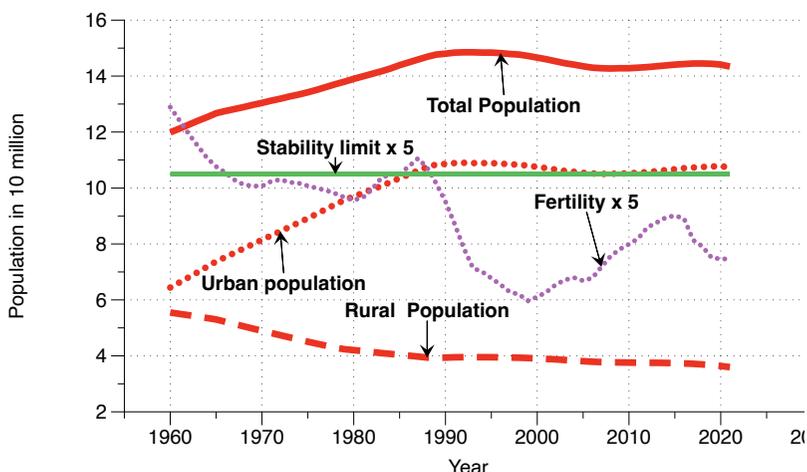


Figura 4 - Rússia. População em dezena de milhões. Fertilidade e limite de estabilidade multiplicados por 5.

Cada um dos países examinados até agora mostrou alguma peculiaridade. Os Estados Unidos, a pujança de seu crescimento populacional; a China, sua tardia transição rural/urbana e seu “pequeno” crescimento populacional; a Índia, a pujança de sua população rural e sua grande fertilidade (o único dos países examinados no qual a fertilidade não caiu abaixo do limite de estabilidade no período examinado); e, agora a Rússia, que tem um problemão. Olhe a leitora a curva vermelha cheia: ela mostra uma população que, há trinta anos, não cresce e começa a cair, com uma fertilidade abaixo do limite de estabilidade praticamente desde 1967. Não sendo um país de forte imigração, apesar das populações

muçulmanas de vários dos países centro-asiáticos da antiga União Soviética estarem migrando para a mãe russa, o resultado inevitável é a ausência de crescimento populacional significativo. O que para as guerras do Chairman Putin são uma dor de cabeça. Ele deveria refletir mais antes de meter-se em confusões. A Rússia não pode se dar ao luxo de jogar fora o sêmen de seus homens jovens, justamente o que ela vem fazendo na Ucrânia. Que idiota! A população total reflete o comportamento da população urbana, com a população rural desempenhando um distante papel de coadjuvante.

Ainda um ponto a refletir. A fertilidade é fortemente afetada por eventos políticos e econômicos traumáticos, no mundo inteiro. A Rússia pós-União Soviética é um caso de “livro texto”. A queda é dramática e traumática. Os horrores dos anos que se seguiram à chamada vitória do capitalismo sobre o comunismo (a leitora pode cair numa bem merecida gargalhada) reflete-se na queda generalizada da vontade de ter filhos dos casais russos. E é em parte o medo dos russos de retornar àquele caos que mantém o Chairman Putin no Kremlin.

Para completar as informações acima, adiciono mais uma figura: a expectativa de vida ao nascer dos cidadãos das quatro potências acima referidas.

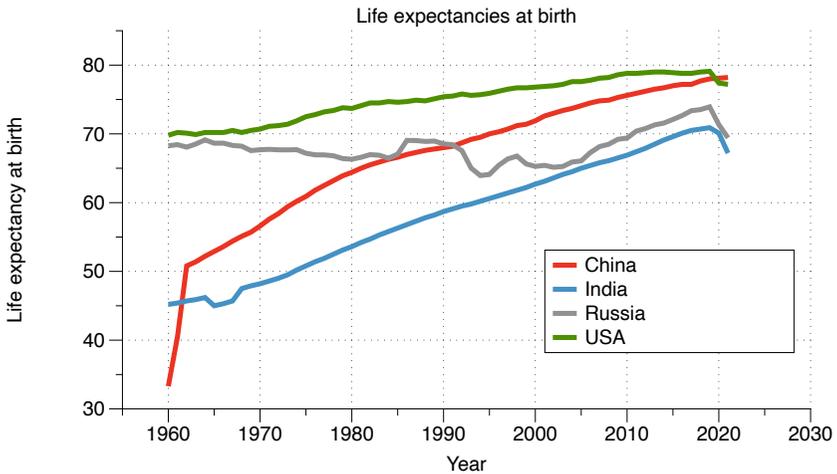


Figura 5 - Expectativas de vida ao nascer.

Sugiro a leitora que ignore, no caso da China o fenomenal

crescimento da expectativa de vida na China no início dos anos 60. É possível que seja real, mas é sempre ser cauteloso quando tratamos com as estatísticas do Império do Meio, ou seria Império do Medo? Entretanto, é inegável que a melhoria constante da expectativa de vida dos chineses ao longo do último meio século é real. Se atentarmos para os detalhes ao final do período, ajudados pela COVID, já ultrapassaram os americanos, sempre com o *caveat* da manipulação dos dados pelos chineses. A Índia, também, melhorou muito a saúde de sua população. A Rússia passou por altos e baixos, mas no reinado de Putin, ela conseguiu melhorias constantes. Esta é uma das razões que pode explicar sua popularidade, pois o aumento da longevidade é um sinal de melhoria das condições de vida. O que assusta é o efeito da pandemia sobre a expectativa de vida destes países (exceto a China, cujos dados podem ter sido manipulados, naturalmente). Da próxima vez, arrisca ser pior.

Bom, encerro aqui o ciclo dos quatro grandes. Ainda há tempo para olhar dois médio-pequenos. Os velhos aliados do Eixo da Segunda Guerra Mundial: Alemanha e Japão, que nos apresentarão ainda outras peculiaridades.

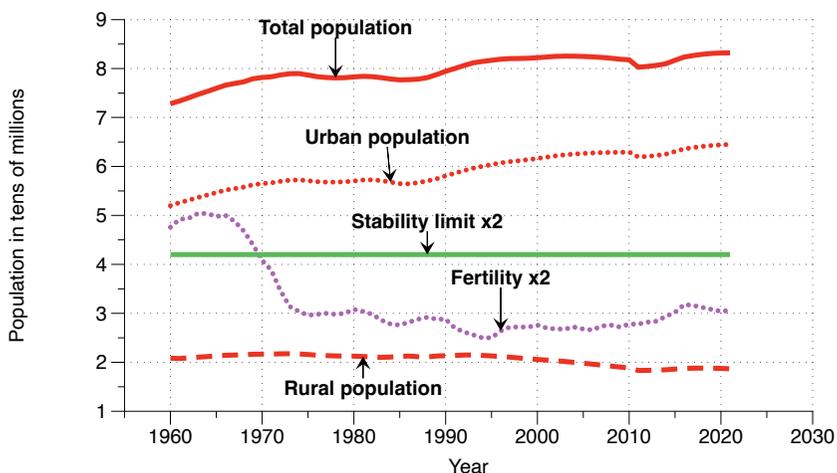


Figura 6 - Alemanha. População em dezenas de milhões. Para facilidade de visualização, a fertilidade e o limite de estabilidade estão multiplicados por 2.

A Alemanha mostra-se um país fortemente urbanizado em todo o

período. Isto vem de longe, pois é bom lembrar que ela se industrializou (ainda que tardiamente em relação à Inglaterra), nas décadas finais do século XIX. No início da Primeira Guerra Mundial, Berlim era um grande centro industrial e a cidade mais densamente povoada da Europa, com 1,8 milhões de habitantes. No período que nos interessa, a população urbana cresceu de 52 milhões para 64,5 milhões de pessoas. A população rural de cerca de 20 milhões manteve-se praticamente estável, diminuindo de 200.000 habitantes (1%) entre 1960 e 2021. Certamente, não foi a migração rural/urbana que alimentou o crescimento das cidades na Alemanha. Por outro lado, a fertilidade, desde 1970, mantém-se bem abaixo do nível de estabilidade. Qual é o segredo? A leitora já terá a resposta pronta: imigração. A Alemanha tornou-se um país que não pode viver sem uma constante injeção de sangue migrante. Os turcos passaram de *Gastarbeiter* (trabalhadores convidados) na década de 60, para uma população estabelecida, que já está na terceira geração, mas ainda que não foi integrada. Mais recentemente, o influxo de imigrantes do Oriente Médio foi um *tsunami*, com grande reações negativas da direita política. A chanceler Merkel foi muito criticada por ter dado uma resposta sobre esta onda de refugiados: “Wir schaffen das”. Traduzindo livremente, “a gente aguenta este tranco”. O crescimento da extrema-direita na Alemanha está muito ligado à questão da imigração. O pequeno problema é que o país depende da mão de obra dos imigrantes para sobreviver.

Olhe a leitora novamente para a fertilidade. Tenho dito que um dos motores da queda da fertilidade no mundo tem sido a transição rural/urbana. No entanto, a Alemanha parece ser uma exceção. É verdade. Mas, temos de entender a peculiaridade de sua história. Em 1960, o fim da Segunda Guerra Mundial comemorava apenas 15 anos. Era um adolescente. Este também foi o período do “milagre alemão”, do renascimento da Alemanha como uma potência industrial e econômica forte e da repopulação do país. O otimismo era grande e os casais podiam e queriam ter filhos. Um fator que ajudou muito a Alemanha foi o fato de estar impedida, por força das condições de sua rendição e por vontade própria, de se remilitarizar. O dinheiro público que teria sido gasto com exércitos, armas e munições, pode ser utilizado para criar um estado de bem-estar social que ainda hoje parece um milagre em um país tão ortodoxo economicamente. Os empresários brasileiros que se queixam do custo Brasil, deveriam olhar para a Alemanha, onde

um despedimento dá direito a um ano de salário para o empregado, onde as crianças tem atendimento de saúde, inclusive remédios, gratuitos, e muitos outros benefícios. Entretanto, o peso da burocracia do Estado alemão vai, aos poucos, tornando-se insuportável para as atividades produtivas. Será interessante ver como o país resolve sua complicada equação social, política e econômica neste século. O pior cenário seria pela força bruta de uma guinada para a extrema direita e o renascimento de forças políticas ideologicamente próximas ao nazismo. Vamos ver se a Alemanha resiste às tentações às quais sucumbiu no passado.

Para encerrar, olho para o Império do Sol Nascente. Se bem que, visto do ponto de vista demográfico, o Japão está mais para Império do Sol Poente. Tudo depende de quem olha.

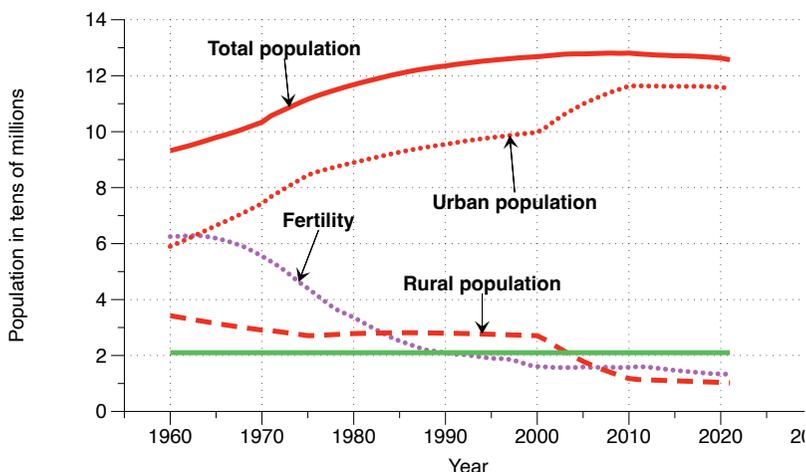


Figura 7 - Japão. População em dezenas de milhões. Fertilidade e limite de estabilidade sem fator de escala.

A demografia do Japão difere bastante daquela da Alemanha. A começar pelo fato de que o Japão não é um país de imigração. Bem ao contrário, é um país fechado. Sua população rural cai entre 1960 e 1975, de 34 para 27 milhões. Parte desta queda aparece, com sinal invertido, na população urbana. Depois, ela mantém-se estável até o ano 2000, a partir do qual, em duas décadas, ela cai praticamente por um fator de 2. Olhando para a curva da população urbana, pode-se dizer com segurança que houve uma migração rural/

urbana não desprezível no início do milênio. A fertilidade no Japão cai abaixo do nível de estabilidade por volta de 1990. O que não é surpreendente, pois o Japão é um dos países mais envelhecidos do mundo. Nesta década (de 2020), 30% da população tem mais de 65 anos e esta porcentagem cresce de ano a ano. Combine-se isto com a estagnação do crescimento da população japonesa, para dizer a verdade, mais do que estagnação, um declínio que se inicia por volta de 2010, e a leitora perceberá que o Japão tem um sério problema. Ou o país se abre para a imigração, o que parece pouco provável, ou ele aumenta rapidamente sua fertilidade, ou ele aceita ser um país de velhos e de população decrescente. Uma situação econômica e socialmente insustentável. Um caso a contemplar.

Finalmente, olhemos para as expectativas de vida.

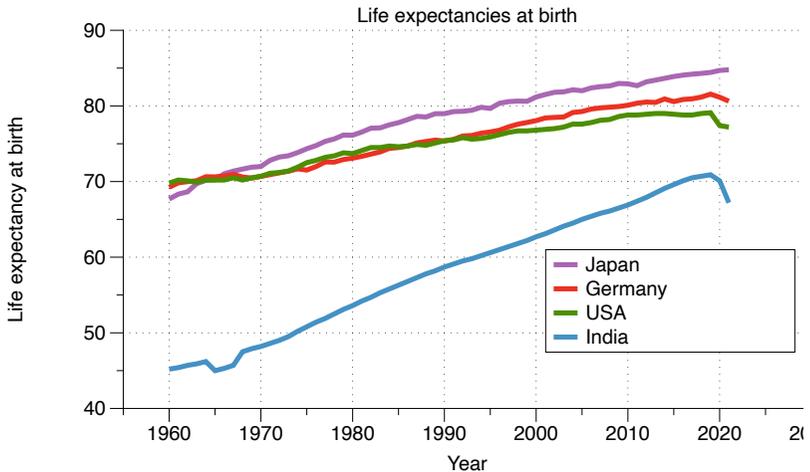


Figura 8 - Expectativas de vida no Japão e Alemanha e, repetidas da Figura 5, dos Estados Unidos e Índia.

O Japão é um caso à parte. Não só tem a maior maior expectativa de vida de todos os países mostrados, exceto no início dos anos 60, mas esta cresce sem parar em todo o período. A primeira pergunta que ocorre a leitora, com certeza, é se há algum limite para o crescimento da expectativa de vida dos seres humanos. Boa pergunta. A ser respondida pelo dados futuros. A segunda é: o que faz do Japão um país diferente? O estilo de vida, a dieta saudável, uma genética privilegiada? É verdade que todos os países mostram um crescimento da expectativa de vida. A exceção são os Estados Unidos, onde a

expectativa de vida diminui seu ritmo de crescimento e começa a cair, com uma queda acentuada na pandemia COVID. Esta curva, por si só, nos mostra um país doente. Que poderia ser muito melhor do que é, mas não consegue.

Só para completar, na Figura 9, vamos ver a evolução das expectativas de vida do Brasil, México, Egito, Angola e Nigéria (posterior sobre demografia). Para efeitos de comparação, repetimos o Japão.

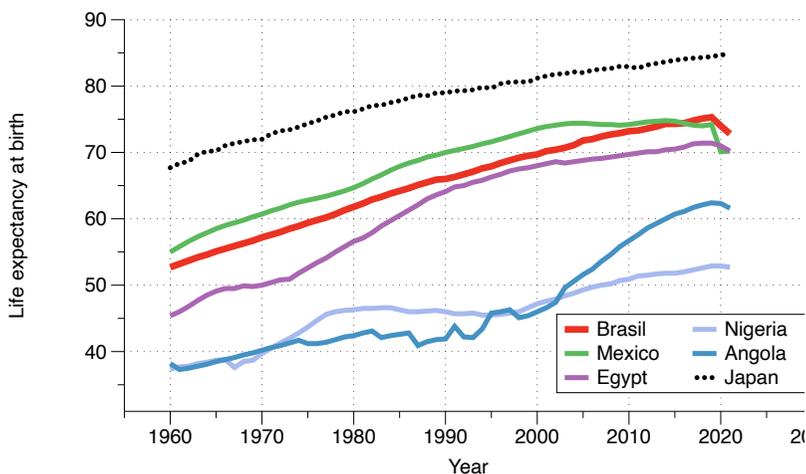


Figura 9 - Evolução da expectativa de vida nos países indicados na legenda.

Olhando para a Figura 9, vemos que, em termos de expectativas de vida, o Japão é o Santo Graal a ser buscado. Chama a atenção a regressão do México, que esteve acima do Brasil por um longo tempo, mas que estagnou neste milênio e começou a dar para trás, ficando bem abaixo do Brasil na pandemia COVID. (Mortandade das guerras entre cartéis de drogas?) Descontado efeito COVID, dos países mostrados o Brasil é o único que mostra indícios de uma lenta convergência com a curva japonesa. O Egito é o país africano que mais se aproxima dos latino-americanos, enquanto Angola e Nigéria, com suas respectivas guerras civis, têm dificuldades para decolar. Em qualquer caso, vemos que a tendência dos países que olhamos é de um crescimento da expectativa de vida. A Rússia é uma exceção ou, poderíamos dizer, a mulher doente da história. Se Putin insistir com suas guerras estúpidas, ele vai piorar ainda mais a situação do país que

ele quer fazer grande. Aliás, como Trump teve e terá, se por infelicidade for reeleito, o mesmo efeito sobre os Estados Unidos. Grandes Potências em decadência?